

Carlos Guilherme em entrevista ao JM, na véspera de atuar no Teatro Baltazar Dias

## «Tenho sido muito mimado pelo público»

O tenor, que cantou pela primeira vez aos 7 anos, e que democratizou o canto lírico em Portugal, assume-se como um artista «sem barreiras».

### MÚSICA

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

Carlos Guilherme cantou pela primeira vez aos 7 anos de idade. Um fado de Coimbra, na sua terra natal, Lourenço Marques. «Era muito envergonhado», recorda. «Cantei dessa vez e depois parei. Só voltei ao canto aos 14 anos e, se calhar, foi essa paragem que me salvou a voz [lírica]. Os cantores líricos têm de ter muito cuidado no período da mudança de voz, senão, podem perder a voz, para cantar, claro. Não ficam mudos!».

Hoje, com quase 71 anos, o tenor que conquistou os portugueses com o êxito "Quando o coração chora" (1982), o primeiro disco de platina nacional, admite que democratizou a ópera, por cantar também música ligeira, mas frisa que foi o público quem lhe atribuiu essa «missão». Em Moçambique, cantava música ligeira «porque não tinha "cabelo" para cantar a clássica (...). Cantava uma canção napolitana e "aguentava" apenas aqueles 10 minutos (risos). Quando vim para Portugal, não me divorciei

da música ligeira, mas profissionalizei-me como cantor lírico». Carlos Guilherme assume-se como um cantor «sem barreiras», sublinha que não as tem artisticamente nem no «estilo do trato». Nunca as teve. Talvez por isso receba tanto em troca dos seus públicos, «sou muito mimado pelo público. Marcou-me profundamente uma salva de palmas que me deram antes de uma atuação, no Teatro São Carlos, em Lisboa, assim que subi ao palco. Porque aquele público acompanha-me há 36 anos. Foi a melhor homenagem que me podiam ter feito, e foi, sem dúvida, um dos pontos altos da minha carreira».

Carlos Guilherme lamenta que, em Portugal, para um cantor lírico, tudo seja mais difícil, mas faz questão de sublinhar que temos «um conjunto fabuloso de cantores líricos e professores de canto de excelência. Quem quiser aprender canto lírico, não tem de ir para o estrangeiro. Temos os melhores professores». É, no entanto, sabido que estes artistas padecem da «pouca visibilidade» que se lhes dá, diz. Por outro lado, este é um meio implacável, não há espaço para falhas. «No início de carreira, se o cantor lírico



Cantor de 70 anos já interpretou 85 óperas.

erra, "morre" ali. Nunca mais é convidado. Por isso é que eu evito assistir a espetáculos de ópera com cantores portugueses. Sofro imenso com essa angústia da possibilidade do erro». Com mais de 30 anos de carreira e um somatório de 85 óperas executadas, Carlos Guilherme é um profundo conhecedor de todo o tipo de música e incentiva ao máximo os talentos emergentes, porém, aponta o dedo aos concursos televisivos de canto. Já fui convidado para ser jurado,

furto-me sempre, tenho medo de magoar, informalmente sou capaz de fazê-lo, mas não naquele contexto. Fazem-se concursos para fazer ídolos, ora, ninguém começa como ídolo, é um absurdo. Conheço muitas pessoas que participaram, de boa fé, nesses programas e hoje estão deprimidos. Por outro lado, há a questão dos jurados que, na maioria das vezes, nem sequer são as pessoas adequadas para avaliar (...).

Esta noite, pelas 21h30, Carlos

Guilherme atuará no Teatro Baltazar Dias, no âmbito das comemorações dos 18 anos da instituição, acompanhado de uma família de cantores, constituída por pai (o barítono Nuno Villalonga), mãe (a soprano Conceição Galante) e filha (a soprano Maria Isabel Galante), esta última estreante. A acompanhá-los estará o pianista Armando Vidal, que acompanha Carlos Guilherme há vários anos.

Excepcionalmente, nesta noite, o tenor escusar-se-á a comunicar intensamente com a plateia, como nos confidenciou que gosta de fazer, partilhando histórias e curiosidades acerca das obras. Estará inteiro em palco, seria impossível ser de outra forma, mas insiste que, hoje, os protagonistas serão o barítono e as duas sopranos. «Serei um mero executante, fui convidado por eles, não me quero sobrepor ao seu trabalho».

Em maio, Carlos Guilherme regressa ao palco do Teatro São Carlos para mais uma interpretação. Diz que cantará até poder, assumindo que sofrerá quando tiver de retirar-se. «Não me quero retirar com uma má impressão de mim próprio, quando sentir que a qualidade está a baixar, saio. Mas será doloroso». JM